

## Editorial 134 - Alguns dados do PIB sectorial do 1.º Semestre

**Por: Heitor Carvalho**

Esta análise compara o 1.º Semestre de 2025 com o 1.º Semestre de 2024. Os dados são os do PIB em volume e valor publicados pelo INE e, para deflacionar o PIB em valor usei a inflação do INE (IPCN). As exportações têm como fonte o BNA.

O PIB em volume apresenta uma variação acumulada de +2,3%, portanto abaixo do crescimento populacional.

Contudo, a soma do VAB (Valor Acrescentado Bruto) dos sectores cresce 2,8%. As principais contribuições para esta variação são os sempre presentes comércio, com 1,0% e os serviços públicos, com 0,5%. Felizmente temos agora um crescimento importante da APS (Agricultura, Pecuária e Silvicultura) e outros serviços, representando 0,4% cada um, totalizando 2,3% dos 2,8% totais.

Infelizmente, nas extractivas, o crescimento de 26% em volume, contribuindo com 0,6% para o crescimento geral do PIB, não se traduz em rendimentos reais (valor do VAB nominal do INE a dividir pelo IPCN) que descem 42%! Tudo o resto sem petróleo contribui apenas com 1,1% e o petróleo tem uma contribuição negativa de 1,3%. A diferença são arredondamentos.

Detalhando:

### 1. Petróleo:

Em volume, tem uma variação acumulada de -6,5%. Face a 2022 a produção cai a um ritmo médio anual de 2,8%! Em valor deflacionado, o VAB do sector cai 23,3%. Face a 2022, os rendimentos reais caem 9,5% por ano!

No Semestre, as exportações de crude desceram 23,5%, devido à redução das quantidades de 1,067 para 0,949 milhões de barris/dia (-11,0%) e dos seus preços de 83 para 71 USD/barril (-14,0%). As exportações petrolíferas (petróleo, gás e derivados) decrescem 18,9% em volume e 23% em rendimentos reais.

A maioria dos nossos poços está em fase de declínio ou de esgotamento. O recurso à produção adicional (investimento para prolongar a extracção e em poços marginais) exige contratos cujo rendimento para o Estado poderá aproximar-se de 60% do rendimento actual por barril. É muito importante fazer este esforço, até porque a produção que conta para os novos contratos só começa depois de cumprida a extracção prevista nos contractos iniciais, garantindo que, pelo menos, estas quantidades e rendimentos se cumprem.

Porém, temos de perceber que, VERDADEIRAMENTE, JÁ ESTAMOS NA ERA PÓS-PETROLÍFERA!

### 2. Extractivas:

Em volume, temos uma variação de 26,3%, devido à nova mina do Luele. Face a 2022 a produção aumenta a um ritmo anual de 13,3%! Porém, em valor deflacionado, a variação é de -41,9% descendo a um ritmo anual de 13,5%, desde 2022.

Por estes números pode perceber-se bem a diferença de perspectivas entre o PIB em medidas de volume (produção real) e em valor deflacionado (rendimento real).

As exportações de diamantes crescem 99,1% em volume (quilates), mas os preços baixam 42,5%, o que determina um aumento total dos rendimentos das exportações de apenas 14,4%!

O sector mineiro é claramente dominado pelos diamantes, e estes enfrentam uma crise estrutural grave devido à concorrência crescente dos sintéticos.

As reservas de outros minérios são segredo do Estado ou mal conhecidas (apesar do Planageo) e de duvidosa rentabilidade económica. Só a concretização do interesse de grandes empresas mundiais poderá trazer as prospecções necessárias ao desenvolvimento

mineiro. Pelos dados das exportações (-53,9% no Semestre), a perspectiva é de declínio, mas alguns projectos importantes estão em curso.

**3. Agricultura, pecuária e silvicultura (APS):**

Em volume, observou-se uma variação de +3,3%, o que representa um crescimento *per capita* apenas ligeiramente positivo! Face a 2022 a produção aumenta a um ritmo médio anual de 3,8%! Contudo, esta análise está influenciada pelo pico sazonal do 2.º Trimestre. Em anos completos, o *per capita* é invariável, com -0,4%, em 2023, e +0,3% na nossa estimativa de 2025.

Em valor deflacionado, temos uma variação acumulada de 14,6%. Face a 2022, os rendimentos reais aumentam a um ritmo anual de 12,4%.

Segundo os números do INE, a produção *per capita* não cresce! O que cresce são os preços! Promover o pequeno comércio rural é prioritário para o desenvolvimento agrícola imediato. Contudo, o nível de produtividade que é possível alcançar com esta medida é extremamente baixo. Para desenvolver a agricultura, necessitamos de empresas agrícolas fortes, embora devamos ter consciência de que os resultados não serão significativos num horizonte de, pelo menos, 10 anos, sem que existam fortes investimentos externos.

**4. Pescas:**

Em volume, temos uma variação de +5,9%, crescendo a um ritmo médio anual de 5,9% face a 2022!! Em valor deflacionado do IPCN, temos uma variação acumulada de 25,6%! Face a 2022, os rendimentos reais aumentam a um ritmo de 17,6% (!!??) por ano.

Os rendimentos por unidade de volume situaram-se 18,6 p.p. acima do IPCN!!

Em 2025, por imperativo de sustentabilidade, o Total Admissível de Capturas (TAC) reduz-se 28,5%! Como é que, à medida que o mar se vai esgotando e o TAC sendo reduzido, as capturas, ao contrário de diminuírem, aumentam? É uma total incapacidade do Estado em controlar as pescas? São os números que são fornecidos ao INE que estão totalmente errados? Pela redução drástica do TAC, parece que os números do INE não estão errados e ESTAMOS A DESTRUIR COMPLETAMENTE A NOSSA FAUNA MARÍTIMA!

**5. Indústria transformadora:**

Em volume, temos uma variação de +4,1%! Face a 2022 o sector cresce a um ritmo médio anual de 7,5% desde 2022!! Com esta revisão dos dados do INE os crescimentos “explodem” sem qualquer explicação plausível!! Em valor deflacionado temos uma variação de 10,9% no 1.º Semestre de 2025 e um ritmo de crescimento de 13,7% (!!??) por ano, desde 2022.

Os rendimentos reais por unidade de volume situam-se 6,6 p.p. acima do IPCN entre os 2.<sup>os</sup> Trimestres de 2024 e 2025!! Apesar do aumento da produção, os preços aumentam muito mais, mostrando que a produção interna, apesar de essencial por ser criadora de rendimentos, é inflacionista. Fazer crescer a produção interna, obriga-nos a combater a inflação!

**6. Comércio:**

Em volume temos uma variação acumulada de +7,7%, crescendo a um ritmo médio anual de 5,0% desde 2022! Em valor deflacionado do IPCN, temos uma variação acumulada de +8,9%, a um ritmo de 4,9% por ano.

Com os sectores de bens transaccionáveis (APS, Pescas e Transformadora) a crescerem 3,7% no semestre e as importações de bens de consumo sem combustíveis cerca de 17% em USD, o crescimento de 8% do comércio parece aceitável. Contudo, voltamos a crescer sobretudo nos bens importados, o que, de um lado, alivia a inflação, mas, de outro, reforça a componente meramente comercial da nossa economia.

**7. Construção:**

Em volume, temos uma variação de +3,8% em 2025, com um ritmo médio anual de +17,3%, face a 2022!! Como é possível este crescimento face a um ano eleitoral!!

Em valor deflacionado do IPCN, temos uma variação de -13,8%, com os rendimentos reais a estagnarem (0,0%), face a 2022!! Segundo o INE, a construção literalmente trabalha para aquecer! São dados muito pouco verosímeis!

8. **Serviços públicos:**

Em volume, temos uma variação de +7,3%, completamente estranha à realidade das contratações públicas no último ano. Face a 2022, a produção aumenta a um ritmo médio anual de 1,4%(!!), o que também é estranho, desta vez em sentido inverso.

Em valor deflacionado do IPCN, temos uma variação acumulada de 12,9% e um crescimento acumulado médio anual de 2,2%. O ganho de poder de compra acumulado no 1.º Semestre é de 5,1 p.p., o que parece algo exagerado.

9. Os dados dos sectores menores são ainda menos alinhados com a realidade!

O INE tem vindo a apresentar um pouco mais de coerência (com algumas excepções) nos dados do PIB, embora ainda estejamos longe de uma situação normal. Há que continuar a melhorar e auditar os dados de forma a percebermos os principais problemas.